

CANTIGAS DE AMOR



Conclusão

O objetivo desse trabalho é ensinar e exemplificar sobre cantigas de amor. O cavaleiro se dirige à mulher amada como uma figura idealizada, distante. O poeta, na posição de fiel vassalo, se põe a serviço de sua senhora, dama da corte, tornando esse amor um objeto de sonho, distante, impossível.

Referencias Bibliográficas

<http://www.clickescolar.com.br/caracteristicas-principais-das-cantigas-de-amor.htm>

<http://www.colegioweb.com.br/trovadorismo/as-cantigas-de-amor.html>

CANTIGAS DE AMOR

Nas cantigas de amor o homem se refere à sua amada como sendo uma figura idealizada, distante. O poeta fica na posição de fiel vassalo, fica as ordens de sua senhora, dama da corte, onde esse amor é considerado como um objeto de sonho, ou seja, impossível, que está longe. Esta cantiga teve origem no sul da França, apresentando um eu – lírico é masculino e também sofredor. Nas cantigas de amor o poeta chama sua amada de senhor, pois naquela época, todas as palavras que terminavam com “or”, em galego-português não tinham feminino, portanto ele dizia “minha senhor”, ele cantava a dor de amar, onde está sempre acometido da “coita”. Essa palavra (coita) é muito usada nessas cantigas, ela significa sofrimento por amor.

Neste tipo de cantiga, o trovador empreende a confissão, dolorosa e quase elegíaca, de sua angustiante experiência passional frente a uma dama inacessível aos seus apelos, entre outras razões porque de superior estirpe social, enquanto ele era, quando muito, fidalgo decaído. Uma atmosfera plangente, suplicante, de litania, varre a cantiga de ponta a ponta. Os apelos do trovador colocam-se alto,

num plano de espiritualidade, de idealidade ou
cantiga de Afonso Fernandes
contemplação platónica, mas entranham-se-lhe no
mais fundo dos sentidos; o impulso erótico situado na
raiz das súplicas transubstancia-se, purifica-se,
oculta esta paixão que me tomou inteiro o coração;
sublima-se. Tudo se passa como se o trovador
mas não o posso mais e decidi que saibam todos o
"fingisse", distarçando com o véu do espiritualismo,
meu grande amor, a tristeza que tenho, a imensa dor
obediente às regras de conveniência social e da moda
que sofro desde o dia em que vos vi."

literária vinda da Provença, o verdadeiro e oculto
sentido das solicitações dirigidas à dama. A custa de
Cantiga da Ribeirinha, de Paio Soares de Taveirós
"fingidos" ou incorrespondidos, os estímulos

- 1- No mundo non me sei parelha
amorosos transcendentalizam-se: repassa-os um
- 2- Mentre me for como me vai,
torturante sofrimento interior que se segue à certeza
- 3- Cá já moiro por vós, e – ai!
da inútil súplica e da espera dum bem que nunca
- 4- Mia senhor branca e vermelha.
chega. É a colta (= sofrimento) de amor, que, afinal, ele
- 5- Queredes que vos retraya
confessa.
- 6- Quando vos eu vi em saya!
- 7- Mau dia me levantei,
- 8- Que vos enton non vi fea!
- 9- E, mia senhor, desdaqueldi, ai!
- 10- Me foi a mi mui mal,
- 11- E vós, filha de don Paai
- 12- Moniz, e bem vos semelha
- 13- Dhaver eu por vós guarvaia,
- 14- Pois eu, mia senhor, dalfaia
- 15- Nunca de vós houve nem hei

16- Valia dua correa

Nas cantigas de amor do trovadorismo, como mencionado anteriormente, o homem se dirige para a mulher amada tendo nela uma figura totalmente idealizada e distante de suas possibilidades reais. Com este ponto de vista o poeta se coloca como um escravo fiel a serviço de sua senhora, que em geral era uma mulher nobre da corte, fazendo com que o amor existente em seu coração seja apenas um sonho. Esta inviabilidade do sentimento presente nas cantigas de amor se justifica porque o trovador apaixonado nunca consegue chegar ao coração de sua amada por ter medo de se aproximar e também porque as damas rejeitavam as canções feitas para ela. Além destes aspectos tipicamente contextualizados que mostram a visão do trovador no momento de fazer a sua cantiga de amor é importante considerar as suas delimitações de cunho mais literário. Com relação a este segundo aspecto, as cantigas de amor tiveram origem na região de Provença que fica no sul da França sendo caracterizadas pelo eu-lírico, aquele que relata toda a poesia, basicamente masculino e com elevado sofrimento. A mulher amada recebe neste tipo de

criação literária o nome de senhor porque este tipo de
Além disso, mostra as qualidades do amor que sente
palavra não possuía correspondente
pela mulher relatando que ela é superior a ele
mostrando, com isso, que a mesma é uma
pertencente da nobreza e por isso mais importante do
que ele na sociedade atual. O trovador mostra ainda
em suas cantigas de amor a dor deste sentimento e
uma menção freqüente à estar na “coita” que significa
o sofrimento por amor e ainda a referência ao “bem”
nas trovas que se refere à submissão do eu-lírico
masculino para prestar serviços à amada como forma
de estar perto da mulher que ama. Por todo este
contexto, nas cantigas de amor do trovadorismo se
identifica o chamado amor cortês no qual ocorre a
“vassalagem amorosa” que se refere a uma relação no
amor entre homem e mulher semelhante à
submissão entre vassallos e senhores feudais desta
época

TIPOS DE CANTIGA DE AMOR

1-Cantiga de Pastorela: que relata o amor entre pastores plebeus ou ainda o amor do eu-lírico por uma pastora plebéia;

2-Cantiga de Tense: se refere ao diálogo tenso e com desafios entre dois cavaleiros os quais discutem com relação ao amor de uma mesma mulher disputando a mesma;

3-Cantiga de Plang: é uma cantiga de amor com uma grande intensidade de lamentos e tristezas pelo amor da amada não correspondido;

4-Cantiga de Meestria: é a modalidade mais difícil de cantiga de amor feita em sua época pois além de mostrar todos os seus componentes incluindo o complexo “amor cortês” possui uma forma sem a presença de refrão, repetições nem estribilhos.

A sublimação nas cantigas de amor

As cantigas de amor situam-se no contexto da vida na corte, sendo uma produção mais intelectualizada, fruto de um amor quase sempre impossível de um trovador por uma senhora de classe social mais elevada – a castelã –, geralmente casada. É um amor submetido a regras - as regras do amor cortês - que o trovador precisava seguir para não despertar a sanha da senhora, ou para não fugir ao paradigma do gênero. Assim, era fundamental a discrição e moderação ao exprimir o sentimento amoroso; o amor oculto, preservando a identidade e o retrato físico da dama ou, quando muito, empregando o sinal, o pseudônimo poético; a coita, apresentando como possíveis soluções para a dor amorosa o morrer de amor ou o enlouquecimento, a perda total da razão. Tal como o amor à primeira vista da atualidade, era o ver que deflagrava o amor, o encantamento diante de tão divina dama, criada por Deus (Deus artifex). Cabia ao trovador a atitude de vassalo, lançando-se aos pés de sua amada. A cantiga de Pero Garcia Burgalês ilustra tal procedimento:

O eu-lírico apresenta-se, desde a primeira linha, como o coitado, o que sofre por um amor iniciado ao ver aquela que se tornaria a dona de seu coração. A dama é focalizada como a mais perfeita de todas, marca de excelência que a aproxima de Maria, cujo culto teve início à época medieval. O amor não reverte em bem para o amador. Nesta cantiga, a senhora sequer tem conhecimento do sentimento que lhe é dedicado, amor marcado pela impossibilidade do trovador ver a sua dama, inviabilizando o prazer de viver. Num período caracteristicamente teocêntrico, Deus é vislumbrado como o que tem o poder de favorecer o eu-lírico com a visão da amada – máxima aspiração do amador. Recai também sobre a figura divina a responsabilidade de deflagrar esse sentimento inaugurado pelo ver. A regra de ocultar a identidade da dama é respeitada; a única possibilidade de transgredi-la é através do ensandecimento a que conduz o amor.

Alunos:Igor,Fernando
Ferreira,Iago,Talysson.